

Andressa Vieira Palmeira
Elda Evelina Vieira



ALEGRIA DO NATAL

e outras histórias

Andressa Vieira Palmeira
Elda Evelina Vieira

Alegria do Natal

e outras histórias

1ª. Edição – 2010

Autoras – Andressa Vieira Palmeira e Elda Evelina Vieira
Capa, fotos e ilustrações – Elda Evelina Vieira
Registro na Biblioteca Nacional – 512.877, Livro 972, Folha 215

Dedicatórias

Dedico a todos, todos mesmo.

Dedico, em especial, à minha família que sempre esteve ao meu lado, me apoiando.

E por último,

Obrigada.

Andressa

A todos aqueles que buscam uma nova maneira de ser, de pensar, de sentir e de olhar o mundo em que vivemos.

A minhas netas que começam sua jornada nesse Planeta, com todo o meu amor.

Elda Evelina

Agradecimento

Andressa, sou imensamente grata a você por ter me convidado para participar desse projeto com você.

Foi uma experiência envolvente e gratificante criar histórias, trocar ideias com você a respeito de vários detalhes e, principalmente, confirmar sua criatividade e capacidade de percepção.

Parabéns e, novamente, muito grata por essa oportunidade maravilhosa.

Sua avó Elda

Índice

Alegria do Natal	7
Flofi, o coelho inteligente	14
A lavadeira	21
Tic tac ... tic tac	25
Morando diferente	29
O menino curioso	35
O Elevador	41
A menina e as flores	45
Festa na floresta	50

Alegria do Natal



Alegria do Natal

Oi! Meu nome é Luna. Como em todos os natais, reunimos nossa família numa casa que há muito tempo pertenceu a minha tataratataravó, mas que hoje pertence à família toda.

É lá que nos reunimos na páscoa, nos aniversários, no dia da criança, no Natal e no ano novo. É lá que recebemos os presentes e damos carinho à família toda. Um detalhe importante: acabei de descobrir isso há apenas alguns minutos, quando mamãe me contou.

Mamãe é muito jovem. Tem dezoito anos, cabelos longos e muito lisos, cor preta, quase azul. Minha mãe é morena e alta. Assim que a vi, eu a achei linda e pensei que viver com ela não seria má ideia. Ela só se casou com papai há dois anos.

Papai é alto, do tamanho da mamãe, mas diferente dela. É loiro e muito claro. Olhos azuis e extremamente bonitos. Também achei que viver com ele seria maravilhoso.

Estávamos no carro. A caminho da casa da minha tataratataravó para o Natal. Minha mãe ficava no meio entre mim e Estela, minha irmã que é dois anos mais velha do que eu. Mamãe falava para o papai as coordenadas:

— Vire à esquerda, não, não, não! À esquerda! Isso, agora vai reto até você ver a árvore torta com a placa que diz “Loja do Nero”.

Mamãe era a única que entendia o que eu falava:

— Mamã, nhá, nhá, nhá? — eu disse.

— Estamos indo para a casa da sua tataratataravó, querida. É lá que.... — tudo aquilo que eu expliquei no início, mamãe explicou.

Estou me lembrando de um fato agora muito interessante, de quando eu estava na barriga, isto é, há doze meses. Eu me lembro da mamãe falando para o papai, entre um choro e outro de dor, que eu iria nascer. No caminho do hospital, perguntei à Estela se nascer doía. Ela me respondeu que não se lembrava exatamente de como era nascer, lembrava que era uma coisa muito rápida e doía os olhinhos quando víamos o mundo pela primeira vez. Ela me disse uma regra básica para se nascer:

— Você tem que chorar para o médico saber que você está viva.

Eu lembro muito vagamente de quando eu nasci. Eu me lembro mais é de quando eu estava na barriga. Eu e Estela conversávamos muito, porque ela é mais experiente do que eu. Eu perguntava muitas coisas e sempre para as perguntas ela tinha respostas.

Uma das perguntas que eu mais fazia era sobre como eram as festas na Terra. Ela me contou como eram enfatizou que a de que mais gostava era o Natal. No Natal todos se reuniam para a ceia por um motivo muito especial: a chegada de Jesus na Terra. Ela também me contou que no Natal eu nasceria, então eu nasceria no dia em que Jesus nasceu! Eu estava mesmo muito curiosa para saber como era essa festa de Natal, pois no dia em que nasci não pudemos prestigiar a festa, apenas a minha chegada.

Quando avistei uma casa muito feia por fora, velha e suja, achei que fosse a casa. Então perguntei para Estela. Como sempre, conversávamos mentalmente, quer dizer, mais ou menos. Pelo olhar sabíamos o que uma queria dizer à outra. Perguntei: “Estela, essa é a casa?” e ela me respondeu: “Não maninha, fique tranquila e preste atenção em mamãe.”

Fiquei prestando atenção em mamãe, talvez ela dissesse a resposta, e ela realmente disse.

— Querida, essa era a loja do seu tataratataravô, aqui ele vendia livros e borracha para pneu de carro. Infelizmente, a família foi deixando apodrecer e hoje está essa coisa imunda e com perigo de cair.

O que eu gostava muito em mamãe, principalmente desses doze meses fora da barriga, era que ela conversava comigo como se eu fosse bem mais velha, com se eu entendesse, porque eu realmente entendia. As outras tiavós, primas e amigas da mamãe chegavam e diziam:

— Ô, bebê! Cadê nenê? Qué letinho da mamã, qué? Qué vim no colo da titia, qué?

E infelizmente eu não conseguia responder porque não sabia ainda falar, agora sei um pouco, mas não o suficiente para dizer que eu as entendia muito bem!

Estela também me dizia que com o passar dos anos a gente vai esquecendo certas coisas. Ela já esqueceu como é nascer e como é o gosto do leite materno, eu ainda sei por que ainda tomo, mas como é nascer realmente me lembro vagamente.

Agora, víamos uma casa muito bonita e toda verde clara por fora. Papai parou o carro, saiu, tirou Estela da cadeirinha enquanto mamãe me tirava. Descemos no chão de terra. Eu e Estela estávamos com vestidinhos vermelhos de festa, afinal era uma data especial, iríamos comemorar o meu aniversário e o Natal ao mesmo tempo!

Entramos na casa. Já havia muitos familiares em mesas, cadeiras e redes conversando, tomando ou comendo alguma coisa.

Em uma das mesas, uma prima de sei-lá-que-grau

com seus cinquenta e poucos anos se levantou e correndo veio até nós. Cumprimentou meus pais e a Estela. Me pegou no colo, me levantou bem alto e disse quase gritando para que todos a ouvissem:

— Hoje, caros familiares, festejaremos o primeiro aniversário desta pequerrucha, a Luna. Gostaria que cantássemos o parabéns mais alegre e melhor que Luna pode ter.

Então, um coro de todas as crianças, bebês, idosos e adultos se ouviu:

— Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Viva a Luna!

Fiquei muito feliz e sorri, gargalhei e tentei voltar ao colo de mamãe, mas a prima de sei-lá-que-grau me segurava com força.

Depois do parabéns, alguns familiares vieram me oferecer presentes de aniversário, os de Natal viriam depois, diziam. Mas eu não queria, lutava para sair dali. Muita gente junta em torno de mim. Queria explorar a casa, era um local novo. Mamãe percebeu minha angústia, me tirou do colo da nossa prima e disse:

— Obrigada pela atenção, mas ela já está ficando nervosa de tanto a apertarem, que tal darmos um paradinha, depois entregaremos os presentes, tá?

— Bobagem, sou pai há cinquenta anos, sei quando um bebê está angustiado, você é mãe jovem, não se preocupe! — disse um parente.

— Mas ela é minha filha... — sua voz saiu tão baixa que ninguém a ouviu, só eu. Mamãe não tinha tanta moral para falar com parentes mais velhos. E recomeçou o tumulto em cima de mim.

“Já chega!” pensei. Tenho que fazer algo a respeito. Eu detestava chorar, achava irritante, parecia que eu queria alguma coisa, mas claro, quando eu me machucava chorava para mamãe me acudir. Comecei a chorar, bem alto para que todos ouvissem. Chorei muito, o suficiente para que todos se afastassem. Pedi colo para a mamãe, que se afastou dali.

Entramos na cozinha da casa.

Na cozinha havia três pessoas: duas mulheres e um homem. A primeira mulher tinha um vestido longo e azul, usava um lenço na cabeça e era relativamente jovem: seus trinta a quarenta anos. Veio até nós com um sorriso no rosto:

— Olá, Denize! — Denize era o nome de nossa mãe — olá, pequena Luna. Vi o que aconteceu, é sempre assim, gostam de bebês. E a sua é realmente uma gracinha! Parabéns, querida. Seu presente entrego mais tarde, tá fofa? — a mulher pediu licença e voltou pra sala.

Gostei dela, me tratou como uma criança mais velha, assim como a mamãe. A segunda mulher estava de avental e cozinhando, mamãe foi falar com ela:

— Olá, dona Rita! Como vai?

— Ó meu Deus! Há quanto tempo! Vejo que teve uma filhinha saudável. Luna, não é? Que linda! Mas como não? A mãe dela também é linda!

— Ora, Rita! Como vão seus filhos?

— Tudo bem. O João Henrique entrou na faculdade, vê se pode? Já tô ficando velha... Qualquer dia é a Estela. Cadê ela?

— Ficou na sala com o pai. Foi um prazer te ver.

Tchau!

— Iguualmente. Tchau!

Saimos da cozinha, entramos na sala e fomos para a varanda

— Filha, aqui não é perigoso, por isso vou te deixar solta, mas tome cuidado para não ser atropelada, tá? Vou te deixar no quarto da bagunça. Tem muita criança lá.

Andando pela varanda que era muito grande mesmo, tinha uma porta no fundo, onde se ouvia muitas vozes. Ao entrar por essa porta vi um salão, não TÃO GRANDE, mas grande com certeza, lá havia todo o tipo de brinquedo, de bolinha de gude até minimoto motorizada para andar pelo salão. Mamãe me explicou que as crianças levavam alguns brinquedos e os deixavam lá para

todos poderem brincar, ali éramos todos primos. Ah, e Estela já estava lá.

Fui andando até Estela. Brincamos muito com todos os primos, até chegar um homem e falar:

— Crianças, hora da ceia!

Muitas crianças, quase todas saíram correndo para a porta. Ficaram: eu, a Estela e algumas crianças menores. O homem pegou os dois menores e saiu. Depois vieram a mamãe e outras mães para pegar os seus bebês.

Quando chegamos na sala, vi que tinham posto a maior mesa que eu já vi! G-I-G-A-N-T-E!

Tinha lugar para todo mundo. Comemos as coisas mais variadas: peru assado, cerejas, panetone, tortas de diversos sabores, salgadinhos. Enfim, tudo.

Depois da ceia deliciosa, todos juntaram as cadeiras e foram distribuir os presentes. Eu ganhei muitas roupinhas, brinquedos, babadores, muitas coisas bonitas.

Eu gostei muito da minha primeira festa de Natal, espero que todas as outras sejam assim também.

E um feliz Natal para todos.

Flofi, o coelho inteligente



Flofi, o coelho inteligente

Dedico esta pequena história a todas as crianças que desejam descobrir novos caminhos, viajar por outros mundos e, principalmente, se empenham em adquirir novos conhecimentos.

Ofereço em especial aos meus filhos e netas para que eles percebam o quanto é importante a dedicação, a disciplina e a vontade de se desenvolver intelectual e espiritualmente.

Com muito amor

A mamãe e vovó Elda

Era uma vez um coelhinho que sonhava ser astronauta. Seu nome era Flofi.

Gostaria muito de conhecer todos os mundos do Universo, mas seu limite ainda era o planeta onde morava.

Sabia pouco da via que existia em outros mundos. Não sabia ao certo nem mesmo se havia outros tipos de vida além das que conhecia em seu planeta.

Ele vivia a sonhar com o dia em que poderia se lançar no espaço, mergulhando no grande vazio existente entre os astros, e sentir-se livre para viajar para onde bem entendesse.

Conhecer novos mundos, novas estrelas. Esse sonho um dia iria se realizar, com certeza. Ele queria tanto ... tanto ...

Todos os dias ele orava pedindo a Deus a grande oportunidade de aprender a respeito do Universo e conhecer suas belezas.

No entanto, ele sabia que para se conseguir alguma coisa é necessário primeiro estudar. Quando queremos realizar algo, precisamos saber exatamente o quê e como fazer.

Assim, ele resolveu se dedicar ao estudo com muito carinho. Procurou saber quais as matérias de que necessitaria, as melhores escolas e pôs-se à luta com muita dedicação, muita leitura.

Aprender muito era sua primeira meta.

Inicialmente estudou as matérias mais simples. Aprendeu a ler, a escrever, conheceu os números, as montanhas, os rios, as árvores, os animais, as pedras e tantas outras coisas que o cercavam.

Afinal de contas, para aprender a respeito de outros mundos primeiramente necessitaria saber a respeito do seu próprio e das pessoas que aí moravam.

Não sabia ele, no entanto, que a vida lhe faria uma grande surpresa.

Deus ouviria suas orações realizadas com fé.

Os propósitos de Flofi eram nobres. Ele queria aprender e aplicar os seus conhecimentos para o bem de todos.

A recompensa por tanto trabalho e dedicação viria no tempo certo.

Um dia, depois de alguns anos de estudo, sacrifícios e de ter aprendido muito, ele conheceu uma pessoa muito bondosa por quem logo sentiu uma grande simpatia, era Samuel.

Era alguém diferente de todos os que já conhecera até então. A suavidade de seu rosto é difícil de explicar. A pele parecia de seda, com um brilho que vinha de dentro, luminosa. Os olhos meigos, profundos como a água do mar. Sua presença representava paz, amor, conhecimento, sabedoria.

Não havia quem não se admirasse com o semblante desse amigo. Era como se de dentro dele viesse uma energia cativante, uma luz especial. O amor e a paz viviam dentro dele.

Nosso coelhinho não cabia em si de contente, tinha um amigo como nunca pudera imaginar.

Eles passaram a se encontrar todos os dias. Eram momentos de grande felicidade para o nosso amigo coelhinho.

Samuel dedicou-se ao aprendizado de Flofi.

Transmitia seus conhecimentos com muito carinho e paciência. Respondia a todas as suas perguntas. E elas eram muitas, pois Flofi queria aprender sempre mais e mais. Não dava tréguas. Era Samuel a ensinar e Flofi a aprender.

Os dias foram se passando e o conhecimento de Flofi aumentando. Era grande a satisfação de Samuel. Ele tinha um objetivo, mas ainda não havia revelado a Flofi.

Estava ele preparando um trabalho lindo a ser realizado pelo nosso amigo coelhinho e, com certeza, a concretização de todos os seus sonhos.

Flofi aprendera os nomes dos planetas, seus rios e montanhas, sobre a chuva, o frio e o calor, o tipo de ar que seus habitantes respiravam, movimentos de seus satélites. Sobre as pessoas e seus costumes.

Enquanto Samuel lhe ensinava, Flofi ficava a imaginar como seu amigo sabia sobre tantas coisas.

Difícil acreditar que Samuel não aprendera realmente vivendo naqueles mundos desconhecidos para Flofi.

Assim, ele começou a ficar desconfiado de que seu amigo Samuel era alguém vindo de muito longe, de outro planeta.

Essa idéia fez com que o coraçãozinho de nosso Flofi batesse rápido.

A possibilidade de ser verdade fez com que seu coração quase saísse do peito.

Seria a realização de todos os seus desejos, mais ainda, tinha um amigo que viera de outro planeta para ensinar-lhe sobre outros mundos, sobre o Universo.

Não cabia em si de contente! No entanto, precisava ficar calmo e ter muita paciência. Se seu amigo mantinha segredo de sua origem era porque isso era importante e Flofi deveria respeitar a vontade de Samuel.

Então, com paciência e amor, continuou a estudar sobre todas as coisas com que sempre sonhara.

Aprendera, inclusive, sobre as naves utilizadas para as viagens interplanetárias.

Eram muitos os tipos, formas de utilização e materiais de que eram construídas.

Algumas serviam para pequenas viagens a curtas distâncias. Outras, maiores, permitiam viagens intergalácticas.

Havia as naves-mãe para socorro e reabastecimento. Estavam sempre à disposição para quando qualquer outra nave precisasse de seu apoio. Eram verdadeiras mães.

Havia naves com paredes transparentes. Pequenas, grandes. Naves-hospitais e tantos outros tipos.

Era como um sonho para o nosso amigo Flofi saber da existência de tantos objetos.

Um dia Samuel fez a Flofi um convite muito especial:

- Flofi, tenho visto sua dedicação aos estudos e posso dizer, com segurança, que tem aprendido muito. Acredito ter chegado a hora de você ver de perto algumas coisas sobre as quais leu e ouviu-me falar.

Vamos fazer uma pequena viagem juntos.

Quero que você fique bem calmo e atento. Você irá ser transportado para uma pequena nave já preparada, onde amigos meus estão nos esperando.

Terá contato com objetos ainda desconhecidos para você, mas de que já falamos algumas vezes. As pessoas que nos esperam têm formas diferentes das suas, mas curiosamente, serão familiares pois você já esteve com elas em seus sonhos.

Enquanto Samuel falava, Flofi quase deixou de respirar.

Aquela viagem era tudo com que sonhara por toda a sua vida. O dia havia chegado e ele não sabia como se comportar.

Seu coração estava acelerado, quase saíra do peito de tanta emoção.

Flofi sabia que, se quisesse participar dessa viagem, precisaria manter a calma. Para viagens interplanetárias com seu amigo Samuel seriam necessárias a harmonia do corpo e da mente e ele não poderia perder essa oportunidade que lhe estava sendo oferecida.

Respirou fundo, procurou acalmar o seu coração e disse a Samuel:

— Estou pronto. Estarei atento ao que você me mostrar. Vou aproveitar cada momento para aprender mais sobre todas as coisas criadas por Deus.

Samuel ficou satisfeito com o que ouviu, sabia ser de coração. Flofi sempre demonstrou estar interessado em aprender, por isso estava tendo esta chance. Deus reconheceu seu esforço e sinceridade e mandara dizer a Samuel que lhe preparasse essa viagem para novos aprendizados.

Aguardem as novas aventuras de Flofi.

Elda Evelina Vieira

A Lavadeira



A Lavadeira

A lavadeira acabara de sair do trabalho, à noite. Ninguém na rua. Sozinha. Sem medo. Mas por que sem medo? Pois já estava acostumada. Todo dia saía às 5:30 de casa e só voltava nove ou dez da noite.

Normalmente era tranquilo, ninguém na rua, só ela. O ônibus vazio, só ela. Mas nesse dia, observou uma criatura diferente com ela dentro do ônibus. Chapéu em cima do rosto. Roupas brancas. Parecia estar dormindo. Joana (como se chamava a lavadeira) já conhecia o motorista, eram amigos de infância e ela resolveu lhe perguntar:

—Tonho, quem é o senhor de chapéu que está dormindo ali atrás?

— Ora, eu não sei. Mas hoje de manhã ele entrou aqui no ônibus. Não disse uma palavra. Está aí desde então. Que é esquisito é, mas não sei quem é não... Se quiser a minha opinião — abaixou o tom de voz — É um espião!

Ela não pediu mais opinião. Dormiu no ônibus.

Quando acordou o tal homem já não estava mais lá.

No dia seguinte Joana pegou outro ônibus e:

— Ah!!

— O que foi, senhora? Tudo bem?

— Hã? Tá, tá sim.

O sujeito do ônibus do dia anterior, de outro ônibus, estava lá!!! Que doideira! Como era possível?

Os próximos dias foram assim. Em todos os ônibus em que ela ia, lá estava ele. As próximas semanas também, dois meses assim. Ela havia cansado. Havia algo nele que lhe despertava curiosidade.

Um dia ela tomou coragem e lhe perguntou:

— Por que sempre que eu estou em um lugar você está junto comigo?

— Olá! Prazer, Joana, sou Thomas. Vim convidar você a fazer uma viagem. Gostaria de vir comigo?

— Eu? Uai, é claro que não! Eu nem conheço você!

— Ha! Ha! É claro que me conhece. Vamos!

Tomou-a pela mão e um vento forte soprou.

Quando Joana acordou estava num lugar belíssimo: cheio de flores, frutos com gostos maravilhosos. Tudo nesse lugar era perfeito. Joana observou à sua volta e viu Thomas olhando para ela e sorrindo:

— Onde estou? Que lugar é esse?

— Bem-vinda, Joana. Esse é o “paraíso”, pelo menos como você o imagina.

— É... Realmente é...

— Mas, sabe, Joana, eu acho que você está errada. Eu acho que o paraíso é a Terra.

— Mas como assim, a Terra? A Terra é cheia de guerras, mortes, dores, frio, fome. A Terra não é o paraíso!

— A Terra está assim porque os homens a deixaram assim. A Terra pode ficar como seu sonho, é só você começar fazendo sua parte. Já está mais do que na hora de começar, não acha? Sabe, a maioria das pessoas fica imaginando a Terra como um lugar melhor, mas nunca faz nada, só fica pensando: “Ó, como seria bom se as pessoas cuidassem da Terra, ó, ó!” e não movem um músculo para ajudar! Temos que a ajudar a Terra! Antes que seja tarde demais!

— Eu prometo que farei a minha parte!

— Ótimo! Adeus!

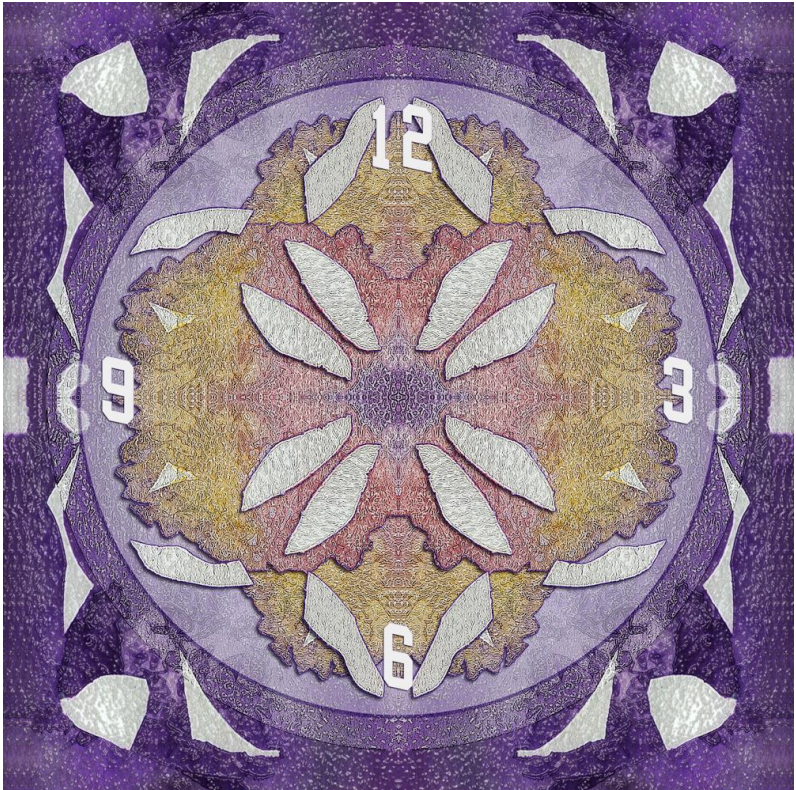
— Aonde você vai?

— Ajudar outras pessoas que ainda não têm consciência de que correm um grande perigo. Adeus Joana, e obrigado!

Ela se viu de volta ao ônibus, mas não do jeito como entrou. Diferente, mais confiante de que, talvez, seus netos vissem o paraíso, se ela começasse agora.

Andressa V. Palmeira

Tic Tac ... Tic Tac



Tic Tac ... Tic Tac

Bom dia. É isso o que desejo para você todos os dias em que olha para mim ao começar o seu dia.

Já tive várias formas e sons.

Há muito tempo eu fazia simplesmente ... tic tac tic tac. Por vezes podia me ouvir facilmente. Hoje, quando muito, pode perceber um fraco “zzzzzzzzzzzz”, e só se me colocar bem pertinho de seu ouvido.

Estive nas casas das pessoas como adorno de paredes, em madeira talhada com lindos desenhos – flores, folhagens, pássaros, esquilos. Já tive portinhas por onde saíam figuras em movimento, acompanhadas de notas musicais.

Quando eu era assim, eu podia ter uma portinha bem em cima que, a cada sessenta minutos, deixava sair um pequeno

pássaro chamado Cuco. Bem você ainda pode me ter nessa forma hoje em dia, é só querer, pois há aqueles saudosistas e românticos que gostam de me ver deixar sair um pequeno pássaro por uma portinha, cantando “cucu ... cucu ... cucu”.

Também já tive nome como “carrilhão”. Era quando a cada unidade de tempo eu tocava um pedacinho de uma música – quinze minutos ... uma parte; trinta minutos ... mais um pedacinho; quarenta e cinco minutos ... um pedaço mais e, quando completava uma hora, tocava a música inteirinha. As pessoas gostavam muito de me ouvir tocar.

Como uma caixa na parede eu também tinha uma outra atração, principalmente para as crianças. Eu tinha um pêndulo que ia de lá para cá e de cá para lá fazendo “tic tac” ou “blém blão”. Para me fazereu funcionar tinham que me dar corda ... uma chavezinha era colocada em um burquinho (por vezes eram três burquinhos) que precisava ser girada no sentido “*horário*”, pois era nesse sentido que os meus ponteiros andavam a todo o tempo marcando o tempo que o tempo andava.

Esses ponteiros andavam aos saltinhos, eles não conseguiam simplesmente deslizar, precisavam pular a cada minuto. Era bem engraçado ficar a me olhar e observar.

Há alguns de mim que não saltam, não dão pulinhos, eles simplesmente deslizam sobre a superfície do mostrador. A esses chamam de “*automático*”. O que é mais interessante é saber como eles buscam energia para se movimentar, ele sente as batidas do coração daquele que o usa. Assim ele pode continuar funcionando. Se o deixam de usar ele pára esperando as batidas do coração de quem o vai usar, para então voltar a funcionar.

Eu também posso ser um companheiro de todos os momentos deixando-me levar bem juntinho de você, no seu braço ou no seu bolso. Quando no seu braço meu nome é “de pulso”, se no seu bolso passo a me chamar simplesmente “de bolso”.

Há também outras formas que me deram. Há muitos e muitos anos, quando apareci pela primeira vez, eu era “de Sol”, pois eu marcava o tempo na medida em que o Sol fazia sombra sobre mim a partir de uma haste colocada de forma estratégica sobre uma pedra bem lisinha, ou no chão mesmo.

Ao longo do tempo me fizeram de outras várias formas e com modos diferentes de mostrar o tempo. Posso ser atômico, de água, a diesel, elétrico, quartzo, rádio/despertador e outras mais.

Hoje posso estar em todos os lugares, até em celulares ... pode acreditar! Há pessoas que brincam dizendo que vários mecanismos de diversas utilidades podem até mostrar o tempo, e há alguns de mim que podem ser agenda, despertador, mostrar o horário em vários lugares do mundo e até contar o tempo de trás para frente, a esse recurso chamam de “*timer regressivo*”.

Você deveria ler a meu respeito, tenho histórias bem interessantes para contar sobre como apareci, cresci, evoluí. E eu evoluí muito, pode acreditar.

Elda Evelina Vieira

Morando diferente



Morando diferente

— Trim!! Trim!!- o relógio avisava que era hora de acordar.

— Vamos, Lia! É o último dia de aula, não vai querer chegar atrasada hoje, vai?!

— Hã?! Não... Não... Não queeeeeero...

— Então acorda!

— Tô indo, tô indo.... Não seria mais fácil se tivéssemos um carro?

— Não!! Carros poluem o planeta! Você sabe disso! Vamos, vamos!

— Tá bem, não fique brava!

— Fico porque é uma falta de respeito com o planeta, e você, em vez de me apoiar, pergunta se seria mais fácil se tivéssemos um carro! Quanta bobagem, eu já nem queria ter

celular e internet, mas isso infelizmente é vital para me comunicar com as pessoas... Ande, levante!

— Já tô levantada...

Minutos depois...

— Anda, Lia, depressa!

E toca a buzina da bicicleta. Lia desce a escada de corda, dá um puxãozinho e ela sobe sozinha.

— Mãe, a gente só come fruta no café da manhã... tô fraquinha...

— Que fraquinha que nada menina!! Você tá mais forte que todas as crianças da sua escola! É só que você gasta sua energia para pedalar da floresta até a escola todos os dias, e são 7 km.

— Se tivéssemos um carro — Lia sussurrou.

— Se tivéssemos um carro, eu me sentiria culpada, pois seria uma criminosa contra a minha própria vida, e além do mais, eu ouvi seu resmungo sobre termos chuveiro elétrico, que não faz sentido nenhum, afinal de contas temos um rio inteirinho para tomarmos banho, ouviu senhorita?

— Ouvi, madame. Cuidado com o buraco!!!

A mãe de Lia caiu em um grande buraco.

— Mãe!!!! Tudo bem?? Vou chamar os bombeiros... Ou a polícia?? O que eu faço? O que eu faço??!!

— Calma! Chame os bombeiros enquanto vai para a escola. Não quero que perca a aula. Eu provavelmente quebrei um braço, ou uma perna, sei lá! O importante é que depois da aula, você volte para a casa da árvore faça o seu almoço e não se preocupe comigo. Eu ligo quando estiver voltando. Agora vá!

— Tá bom, não se preocupe, tá? Já tô ligando... Eu... Tô ligando... Tchau!

— Tchau!

Lia pedalou bem rápido para a escola. Mais tarde voltou pedalando para a floresta e direto para a casa da árvore,

como sua mãe havia mandado. Colheu o arroz, feijão e milho e preparou seu almoço junto com uma bela salada e de sobremesa: morangos com açúcar. 2:00 h, 3:00, 4:00, nada de sua mãe chegar. Ela resolveu comer as frutas do lanche com pão integral sozinha. 5:00, 6:00, ela ligava, mas sua mãe não atendia. Até que...

— Ah, vai, atende mãe, atende! Hã?! Oi, mãe! Tudo bem? Você já tá voltando, né?

— Bem, filha, eu vou ter que passar a noite aqui, o médico ainda nem me atendeu. Sua tia Rebeca vai te buscar daqui dez minutos. Esteja pronta...

— Mas, mãe! A tia Rebeca mal mora numa casa! Ela mora em um hotel e nas duas vezes em que fomos lá foi um desastre!

— Sinto muito filha, é a nossa parente mais próxima. A sua vó não daria conta de cuidar de você!

— Mãe, definitivamente prefiro a vovó!

— Tá bem, tá bem. Ligo para a sua tia. A chave da casa da sua vó está pendurada em cima do meu armário, você terá de ir pedalando.

— Está bem, beijo, tchau.

— Tchau.

Lia pegou a chave e foi pedalando até a casa de sua avó, que era na cidade. Uma casinha simples que se localizava no meio de muitos prédios, afinal sua vó era osso duro de roer, não vendia sua casinha por nada nesse mundo. Lia abriu a porta de entrada. Sua avó saiu correndo ao encontro de Lia e ficou encarando-a:

— Quem é você?

— Oi, vovó. Como está?

— Quem é você?

— Sou Lia, a sua neta.

— Eu tenho uma neta? Eu nem tenho uma filha!

Quem é você?

— Ai, ai...

Lia entrou na casa, sua vó tinha perda de memória recente. Lia subiu as escadas e desceu. Sua vó veio correndo ao seu encontro:

— Oi, Amanda! — Amanda era o nome de sua mãe. De vez em quando sua vó se lembrava dela — Como você cresceu! Faz tanto tempo que a gente não se vê!

— É, vovó! É... Vou para o meu quarto e depois tomar um banho, certo?

— Claro... Quem é você?

— Sou Lia, vovó. Agora, que tal assistir sua novela, hã?!

— Está bem, eu vou.

Lia foi para o antigo quarto de sua mãe, depois tomou um banho e desceu para lanchar com a avó.

— Oi, vamos lanchar?

— Que moça bonita. Quem é você?

As duas lancharam e Lia foi logo para a cama. No meio da noite ouviu barulhos na cozinha. Com um pouco de medo foi ver o que era: Sua avó fazendo um lanchinho!

— Moça, não conta pra Amanda!

— Pode deixar vó, pode deixar...

— Ufa! Obrigada! Quem é você? Podemos ser amigas...

— Sim, nós podemos...

— Dlin, dlon — a campainha tocou.

Lia abriu a porta e... Sua mãe! Lia deu um abraço forte nela. Estava com uma perna e um braço quebrado.

— Oi, filhinha! Espero que tenha gostado de ficar com a sua avó, porque vamos morar um mês com ela, sem ir à casa da árvore.

— Por quê?

— Olhe para mim, não tenho condições de subir a escada de cordas, de ir pedalando pra lá, entendeu?

— Está bem, está bem...

— Quem são vocês?

— Filha, vai se preparando, essa vai ser a frase que mais vai ouvir por aqui.

— Tudo bem, afinal agora estamos todas juntas.

— É verdade. Mas ... sei não, pensando bem, acho que vou transformar a casa da sua avó em uma casa sustentável...

Andressa V. Palmeira

O menino curioso



O menino curioso

Era uma vez um garoto muito curioso que gostava de observar as coisas ao seu redor.

Quando ainda muito pequeno, ele olhava para si mesmo, observando suas mãos, seus dedos, as curvinhas que as dobras de sua pele faziam ao se mexer. Observava seus pés e achava muito engraçado quando os seus dedinhos se movimentavam. Dava boas e altas risadinhas.

Seu nome é Pedro Simão. É um nome muito adulto para se dar a uma criança tão pequena! Mas é verdade que ele vai crescer e será um adulto, então, acho que esse nome está de bom tamanho e pode ficar assim mesmo. Veremos isso depois.

Pedrinho, como passou a ser chamado pelos pais, tios e avós, cresceu e continuou sendo um menino muito curioso. Agora não mais olhava tanto para suas mãos e seus pés. Seus

olhos procuravam novos objetos para observar e suas mãos agora eram utilizadas para investigar o mundo à sua volta.

Quando sua mãe o levava para o quintal ou para o parque, ele gostava muito de ficar olhando alguns bichinhos que ficavam andando de lá para cá bem de pressinha. Sua mãe lhe disse um dia que esses bichinhos se chamavam formigas. Ele percebeu que havia formigas diferentes, algumas bem grandes ou muito pequeninhas. Era muito engraçado observar as formigas e de vez em quando Pedrinho dava altas e boas risadinhas.

Ele além de curioso era um menino muito alegre. Dava para a gente perceber que ele era muito feliz.

Pedrinho continuou crescendo e sua curiosidade com relação às coisas e ao mundo crescia a cada minuto. Ele percebia que havia muita coisa para conhecer e aprender, e ele gostava muito de aprender. Perguntava sobre tudo e queria respostas a todo tempo. Seus pais tinham que se esforçar muito para ter as respostas para oferecer a ele.

Isso era um estímulo aos pais que precisavam aprender sempre mais sobre os assuntos que interessavam a Pedrinho e isso era muito bom. Eles aprendiam para depois ensinar ao filho tão querido.

Pedrinho, com o tempo, passou a ser chamado simplesmente de Pedro. Ele já estava começando a ficar grandinho e não poderia mais ser chamado de Pedrinho, isso era coisa para criança e ele não era mais uma criancinha, já se tornara um menino, quase um adolescente.

Na medida em que ele crescia de tamanho, sua curiosidade também aumentava. Já não bastava ele observar formiguinhas e outros bichinhos, ele queria conhecer outras coisas e o seu olhar agora não se dirigia mais a si mesmo ou para o que via no chão.

Seu olhar passou a ser para as coisas e as pessoas que estavam à sua frente, um olhar horizontal, dá para entender? Sabe quando você está de pé, sua cabeça não está inclinada nem para frente, nem para os lados? Pois é, quando a cabeça está assim nós olhamos para a frente e é a isso que podemos chamar de olhar horizontal, um olhar que se dirigido para bem longe, bem longe mesmo, poderá alcançar o horizonte.

Pedro então passou a ver as pessoas que estavam à sua volta. Começou a perceber que o mundo era muito mais do que ele mesmo. Ele observou que viver no mundo exigiria convivência e saber conviver é uma arte que precisa ser aprendida para se viver feliz.

Não era só uma convivência com as pessoas, mas também com os animais, as plantas e tudo o mais que ele poderia ver com os olhos e sentir com as mãos. Tudo era parte desse mundo em que ele vivia.

Ele tentava aprender sobre essa arte, mas não era muito fácil, afinal de contas ele até aquele momento achava que o mundo existia para ele e agora precisava mudar o seu olhar e o seu sentir para abraçar outras coisas como fazendo parte do seu mundo.

Não poderia mais pensar que o mundo existia para ele, mas sim que era ele fazendo parte desse mundo. Era até muito bom perceber que ele, Pedro, fazia parte de algo muito grande e importante. Era uma forma diferente de ver as coisas e ele até que gostou disso, só precisaria se acostumar e aprender a ter um novo olhar. E de olhar ele entendia muito bem, desde muito pequenino, quando ainda o chamavam de Pedrinho.

À medida que ia crescendo seu olhar deixava de ser apenas horizontal, ele passou a olhar para cima e percebeu que existia algo mais do que aquelas formiguinhas e outros bichinhos no chão. Percebeu que havia muito mais do que o seu olhar horizontal poderia observar.

Ele viu o que chamamos de céu, que durante o dia poderia ser azul claro com algumas manchas brancas de vários formatos, até mesmo de bichinhos. Essas manchas se chamam nuvens. Já tentou encontrar bichinhos nas nuvens? É muito legal – carneirinhos, dragões, gatinhos -, por vezes podemos observar até mesmo algumas nuvens em forma de anjos.

Ao final da tarde, ao anoitecer, aquele azul começa a mudar e tudo vai tomando outras cores. Podemos observar o amarelo, o laranja, até mesmo o vermelho. O roxo também, mais claro, mais escuro, lilás, magenta. O sol vai se deitando no horizonte e toma um brilho forte, intenso, chega a machucar os olhos da gente de tanto brilho. Como algumas pessoas dizem às criancinhas, às vezes, o sol vai se deitar para dormir.

À noite o céu fica escuro, muito escuro. É de um azul tão escuro que às vezes parece preto. Surgem então pequenos pontos brilhantes, alguns chegam até a piscar ao nosso olhar. São as estrelas. Podem ser bem pequenininhas ou até mesmo um pouco maiores. Algumas brilham mais do que as outras e podem até ter cores diferentes.

É muito bom observar as estrelas e imaginar que elas formam alguns desenhos no céu escuro.

Ah! Quase me esqueci de dizer que faz companhia às estrelas a Lua. Dependendo do dia ela aparece como um disco ou mesmo uma bola. Branca, brilhante e linda, é a Lua Cheia. Em outros dias apenas como uma barriga sem o corpo, pode estar virada para um lado ou para o outro, é a Lua Minguante ou Lua Crescente. Há aquela que aparece só como um disco com um brilho em volta, é a Lua Nova.

O Pedro passou a observar e treinar o seu olhar para esse novo mundo que se mostrava para ele. Ficou maravilhado e quis aprender sobre tudo isso e percebeu que o mundo, antes para ele tão grande, era só um pontinho a mais nesse céu a que podemos chamar de Cosmos.

Cosmos é onde está o nosso mundo, a que chamamos Terra, e todas as estrelas e luas que há. A tudo isso e mais muitas coisas que nem sabemos existir chamamos de Universo.

E Pedro aprendeu que o Universo é maravilhoso e que muito há a aprender sobre ele.

Pedro aprendeu que o olhar não pode ser só para baixo, nem mesmo só horizontal. O olhar também não pode ser só para cima. Se deixamos que seja assim nosso olhar fica pequeno e não aprendemos muito sobre as coisas que nos cercam.

O nosso olhar precisa estar em todas as direções, e mais do que isso, precisa buscar o muito longe.

O nosso olhar e o nosso saber devem buscar ser o que o nosso coração pedir.

Elda Evelina Vieira

O Elevador



O Elevador

Todo dia era o mesmo sobe e desce de elevador no escritório.

Ele chegava 7:18 para: estacionar o carro e chegar à porta do elevador; 7:22 subir e chegar ao escritório e dar bom dia para a secretária; 7:30 em ponto, ou seja, tudo cronometrado.

Certo dia, quando estacionava o carro, às 7:18:

— Olá, Rodrigo!

— Olá, Dr. Théo, como estão os pacientes?

— Oh, estão bem... pelo menos a maioria...Tenho um paciente novo hoje e ... posso pedir um favor a você?

— Claro ... eu acho ... — olhou o relógio, 7:19, já estava atrasado — qual é?

— Bom, quero que leve o paciente até minha sala às 15:15, mas ele...

— 7:20! Basta! (pensou)

— Puxa Dr. Théo! Sério? Eu vou sim! Tchau!

Correu até o hall de entrada, foi até o corredor da Ala B, apertou o botão do elevador e esperou...

Exatamente às 15:15 Rodrigo estava esperando o paciente de Dr. Théo na garagem. 15:16, 15:17, mas que cara atrasado! 15:18, 15:19, e, ah! Aleluia! Um carro parou ao lado dele:

— Bom dia, o senhor é um tal de Rodrigo?

— É, sou eu, agora vamos, vamos!

Rodrigo o conduziu até a porta do elevador e apertou o botão, reparou que o paciente suava frio e sua boca começou a tremer:

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo!

O elevador finalmente chegou e eles entraram, mas Rodrigo percebeu a angústia do paciente ao entrar.

Dentro do elevador ele o ouviu rezar baixinho. As pessoas ao redor não perceberam quando ele começou a bater as pernas e a chorar, sem fazer o mínimo ruído.

Aí, aconteceu o imprevisto: o elevador parou. De início, ninguém percebeu, mas o elevador não chegava ao destino até que um homem disse:

— “Ih, o elevador parou”.

Ninguém se incomodou, apenas esperariam, mas o paciente não resistiu e começou a gritar:

— “Ah, eu sabia, agora o elevador vai despencar e todos nós vamos morrer aqui, sem nem nos despedirmos de nossas famílias. Oh, meu Deus!”

Aí sim, todos começaram a se remexer dentro do elevador, incomodados. Um homem disse:

— “Sabe, hoje é o aniversário da minha filha e eu nem vou poder... snif, snif... dizer adeus para ela...”

Um outro disse:

— “Sabem, eu nunca pensei que fosse morrer assim, eu nem cheguei a aproveitar a vida, só juntei dinheiro à toa, já que agora não vou poder aproveitar...snif, snif...”

Vocês sabem como é difícil ver homem chorando. Pois é, Rodrigo nunca tinha visto tanto homem chorando junto, se abraçando e se lamentando. Nunca.

O fato é que ele mesmo nunca tinha parado para pensar o quanto poderia ter aproveitado a vida. Poderia ter jogado bola com seu filho quando ele pediu; poderia ter brincado de Barbie quando sua filha pediu; poderia ter ido ao cinema com sua esposa quando ela pediu.

Não levou muito tempo para que consertassem o elevador. Ele levou o paciente até o Dr. Théo e foi trabalhar.

No dia seguinte todos estavam com um ar diferente:

— “Oi, Rodrigo, ontem levei minha família à pizzaria, nunca passei noite mais feliz.”

— “Oi, Rodrigo! Comprei flores para a minha esposa, como ela ficou feliz!”.

E ele mesmo se dizia:

— “Ontem joguei bola com meu filho, brinquei de Barbie com a minha filha e levei minha esposa ao cinema! Como fiquei feliz!”

Andressa V. Palmeira

A menina e as flores



A menina e as flores

Oi, bom dia. Vocês dormiram direitinho esta noite? Espero que sim. Eu dormi tão bem que até sonhei com muitos anjinhos. Espero que os anjinhos tenham estado com vocês também.

Pois é, era assim que Marianinha começava o seu dia, visitando o jardim da sua casa e as floreiras das janelas. Ela gostava muito de flores e as da sua casa tinham o seu carinho especial, todos os dias.

A menina, antes mesmo de tomar o café da manhã, já visitava as flores. Eram muitas, das mais variadas cores e formas. Tinha margaridas, rosas, crisântemos, dalias, semprevivas, azaléias, cravos, girassóis, hibiscos e tantas outras. Tinha até as flores das árvores que produzem frutos como as das goiabeiras,

mangueiras, jabuticabeiras, laranjeiras. As árvores que dão frutos só florescem em determinados meses do ano, quando chegava perto do tempo de oferecem seus frutos para que a família da Marianinha pudesse se deliciar com os seus sabores.

Vocês devem estar pensando ... será que caberiam tantas flores e árvores no jardim da Marianinha?

Com certeza que sim, pois Marianinha morava em um sítio e eles ali tinham um belo pomar e um lindo jardim.

Ela sempre se mostrava interessada em aprender sobre as flores e como cuidar delas, apesar dos seus cinco aninhos apenas. Perguntava o nome das flores e queria saber como cuidar delas.

Por exemplo, ela sabia que o girassol tinha esse nome porque a flor procurava uma posição para ficar de frente para sol. Era como se a flor quisesse ficar olhando para aquela luz bem forte e sentir o seu calor. Também sobre o girassol a mãe de Marianinha já tinha falado outras coisas, era ainda difícil para Marianinha guardar tanta coisa na sua cabecinha, mas ela sabia que a semente poderia ser usada para comer.

Uma coisa que ela ainda não sabia é: o que chamamos de semente não é semente, é o fruto da planta. Eu achei muito interessante aprender isso. Um dia Marianinha também irá aprender.

A jabuticabeira também é interessante. As flores são brancas, nascem juntinhas ao tronco e se transformam em pequenos frutos bem escuros, quase negros, que são muito gostosos.

As flores das laranjeiras são muito importantes e bonitas. Elas são brancas e perfumadas. As abelhas gostam muito de visitar essas flores e depois produzir o mel que fica com um gostinho muito especial. Marianinha gostava muito de comer mel e sabia muito bem que as laranjeiras eram muito importantes para a produção do mel no sítio da sua família.

Certa manhã, bem cedinho, Marianinha foi fazer o seu passeio pelo jardim e percebeu que uma flor não estava tão bonita como nos outros dias. Ela entrou em casa correndo ... mãe, mãe.

Sua mãe veio toda preocupada achando que tinha acontecido algo de muito sério com sua filha, pois ela estava muito agitada.

Marianinha disse:

— Sabe aquela flor de que tanto gosto? Aquela branquinha que se chama ... como é mesmo? Ah! É o crisântemo! Fica perto do portão da cerca.

Sua mãe perguntou:

— O que tem o crisântemo?

— É que ele está caído no chão, todo amassado. O que terá acontecido?

A mãe de Marianinha foi com ela até o portão e percebeu que algum animal havia pisado na planta e quebrado o galho em que estava a flor.

— Olha minha filha, aqui estão as marcas das patinhas de algum animal. Ele entrou no jardim e com certeza estava brincando por aqui e pisou sem querer na plantinha. Como

a planta é muito frágil, fraquinha, e o animal é pesado e mais forte, aconteceu que ele machucou a plantinha e o crisântemo não conseguiu mais ficar no galho e caiu. O cãozinho, acho que foi ele, acabou pisando também na flor e a amassou todinha.

— É uma pena, minha pequena, mas são coisas que acontecem. O cãozinho estava brincando e ele não tem condições de saber que você gostava tanto dessa flor. Ele não tinha intenção de fazer a plantinha sofrer.

— Mas nós, que sabemos pensar, podemos aprender uma lição importante hoje. Precisamos prestar atenção quando brincamos ou fazemos alguma coisa. Dependendo da forma como agimos nós podemos um dia machucar alguém, alguma planta ou animal. Assim, devemos prestar muita atenção para que isso não aconteça, certo? As plantas, os animais e as pessoas gostam de carinho. Eles se sentem bem quando nós gostamos e cuidamos delas.

Marianinha então disse:

— É verdade mamãe. Vou prestar atenção quando passear por aqui para não machucar nenhuma plantinha. Também vou procurar cuidar dos animais daqui com muito carinho, pois eu gosto muito de todos eles e quero que eles gostem também de mim.

Ao mesmo tempo em que Marianinha ficou triste por causa da plantinha e da flor, ela percebeu que com o que aconteceu ela pode aprender mais alguma coisa sobre a vida e como devemos ser para com os seres que vivem conosco.

Elda Evelina Vieira

Uma festa na floresta



Uma festa na floresta

Um dia eu conheci uma linda floresta. As árvores eram grandes, muitas altas, e os troncos tão grossos que eram necessárias muitas pessoas para se conseguir abraçá-los.

Você sabe como é bom abraçar as árvores, não é? Sentir a energia que passa pelo tronco até chegar às folhas. É a vida que passa desde a raiz até os galhos que ficam bem lá no alto. Essa energia é que faz as árvores crescerem e ficarem fortes e bonitas.

Pois é, como eu disse, um dia conheci essa linda floresta.

Andando por entre as árvores, passando por lindas flores e pequenos riachos, eu cheguei a um lugar em que só havia flores e plantas bem baixinhas. Era uma clareira. A toda volta estavam as árvores da floresta, como que abraçando e protegendo a clareira.

Ali eu me senti protegida e segura, como se houvesse seres muito especiais e luminosos olhando para mim e por mim. Eu me senti tão bem que, estando cansada de tanto caminhar, resolvi dormir um pouco sobre a relva, é outro nome

que se dá à grama. Eu resolvi chamá-la assim porque essa grama era tão especial que quis dar a ela um nome especial.

Deitei e me acomodei confortavelmente. Senti o frescor da relva sob o meu corpo. Ela estava quentinha por causa do sol, mas ao mesmo tempo eu não sentia o calor do sol me incomodar. Eu me sentia muito bem ali.

Logo eu consegui dormir. E ao dormir comecei a sonhar.

Bem, não sei se foi realmente sonho, pois eu via e sentia o que estava acontecendo como se estivesse acordada. Muito curiosa essa sensação. Eu sabia que havia dormido, mas eu me sentia acordada, bem acordada, vendo, ouvindo e sentindo tudo de forma bem intensa.

Vou contar para vocês.

O lugar era aquela clareira mesmo, com a floresta em volta. As flores e a relva também eram as mesmas. No entanto, eu percebia um brilho diferente, era como se houvesse pequeninas luzinhas brilhando sobre as plantas e pairando no ar.

Fixei bem os meus olhos. Acho que foram os olhos do pensamento, já que eu estava dormindo. Sei que é estranho falar assim, mas acho que foi isso mesmo.

Quando fixei bem os meus olhos pensamento no que eu via, comecei a perceber que as luzinhas pareciam vivas. Elas brilhavam como que piscando. Às vezes ficavam mais fortes, e às vezes mais fraquinhas, como algumas estrelinhas no céu à noite.

Percebi também que algumas delas ficavam bem juntinhas umas das outras, como em pequenos grupos. Depois se separavam e se juntavam a outras luzinhas que estavam mais afastadas.

Achei tudo muito curioso e interessante. Resolvi prestar mais atenção ainda ao que estava acontecendo.

Nesse momento o sol começava a se deitar no horizonte, era o entardecer, e então eu percebi mais claramente que as luzinhas na realidade eram seres muito pequenininhos. Pareciam pessoas como nós, mas tão pequenininhas que não se conseguia ver só com os olhos. São necessários os olhos pensamento como os meus ali.

Sabem o que esses pequeninos seres estavam fazendo? Estavam preparando uma festa, a festa da floresta.

Preparavam as flores para que fossem mais lindas ainda, com um brilho muito especial. A relva ficava mais macia e aconchegante. E apesar de a noite estar chegando, não sentia frio, pelo contrário, sentia um calorzinho muito gostoso.

Olhei para a floresta e vi que também as árvores estavam diferentes. Elas também brilhavam como que iluminadas. Era como se houvesse muitas e muitas árvores de Natal à minha volta e eu estivesse em um grande salão preparado para receber convidados muito especiais.

A cada momento eu ficava mais curiosa sem saber para que tanta luz, tanta beleza e alegria.

Foi nesse momento que percebi a razão de tudo aquilo – era a festa de Natal na floresta.

Aqueles serezinhos que estiveram trabalhando tanto prepararam uma festa linda, muito especial, sabe para quem?

Pois é, a festa era para todos aqueles que viviam ali: as flores, as árvores, os riachos e todos os animais. Para eles era um momento de muita alegria.

Pouco a pouco eu vi chegando animais os mais variados: onças, tamanduás, veados, macacos, até mesmo o mico-leão-dourado, borboletas, araras azuis, papagaios, tucanos, sapos, aranhas, pequenos pássaros como o beija-flor e o colibri, também os grandes como carcarás e garças, jacarés, tartarugas, jabutis, lontras, lobos, quatis, jaguatiricas e muitos outros.

No começo achei impossível esses animais poderem estar juntos sem brigar, mas depois eu pensei ... pela simples razão de eles estarem ali para uma festa muito especial, preparada com tanto carinho e amor.

Porque era Natal, e nesse dia tão especial eles deveriam ter um sentimento também muito especial, mesmo sendo animais da floresta!

O Natal faz com que as pessoas se sintam diferente, especiais. Elas buscam a alegria, a paz, a compreensão e o amor.

Por que não também os animais? Pelo menos naquela floresta era assim. Talvez porque ali havia aqueles pequeninos seres iluminados, quem sabe? Além de iluminados eram amorosos.

Hum! Acho que não é bem assim. Vou concluir de uma forma melhor.

Por serem seres amorosos eles eram iluminados. Com o seu amor e a sua luz conseguiam fazer com aquela floresta fosse um lugar muito especial.

Nesse momento senti algo perto de mim ... perto do meu corpo. Acordei e vi um pequeno veadinho com um pássaro sobre sua cabeça. Eles olhavam para mim de forma suave e carinhosa.

Eu me levantei e olhei para eles e pensei ... será que realmente eu estava dormindo?

Tudo foi tão real! E ter sido acordada daquela forma me faz acreditar que presenciei de verdade uma festa muito especial da qual nunca vou me esquecer.

Elda Evelina Vieira

Outros livros das autoras

Andressa Vieira Palmeira

O Olho que tudo vê – também na versão DVD

A Viagem de um milionário

A descoberta de Booby

Elda Evelina Vieira

Renascendo do Amor

Prece

Prece II

Anjos do Coração e da Felicidade – também na versão DVD

Palavras para o coração

Mensagens

- Livro I, Livro II, Livro III, Livro IV, Livro V, Livro VI, Livro VII, Livro VIII, Livro IX

Um novo caminhar

Imagens e Mensagens

Para ler os livros em formato virtual

www.eldaevelina.com/livros

www.bookess.com

Contato

www.eldaevelina.com

elda@eldaevelina.com

ISBN 9788562418969



9788562418969